



O arquivo pessoal de Durval Pinto: o movimento de renovação da formação dos professores do Paraná nas primeiras décadas do século XX¹

Durval Pinto's personal archive: the movement to renew teacher training in Paraná in the first decades of the 20th century

El archivo personal de Durval Pinto: el movimiento de renovación de la formación docente en Paraná en las primeras décadas del siglo XX¹

Simone Garbelini Parro Pialarissi
Universidade Estadual de Londrina (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0003-2181-3310>
<http://lattes.cnpq.br/8015744249589282>
sipilarissi@gmail.com

Simone Burioli
Universidade Estadual de Londrina (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-8766-8331>
<http://lattes.cnpq.br/5148385984170104>
prof.simone@uel.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a formação docente de Durval Pinto por meio do seu arquivo pessoal, encontrado no já desativado Museu Histórico Regional Professor David Carneiro da UNESPAR - Campus Apucarana/PR, tendo como foco de análise o período em que estudou na Escola de Professores de Curitiba, entre 1942 e 1944, tentando estabelecer relações com o movimento de renovação do ensino. Para isso, questiona-se: Como o professor formado na Escola de Professores de Curitiba, sob a influência do movimento escolanovista, participou do processo de expansão de um método que pretendia mudar os rumos da educação pública paranaense? A partir do arquivo pessoal do professor Durval Pinto e por meio de revisão bibliográfica, conclui-se que mesmo que tenha ocorrido um conflito entre teoria e prática, o professor foi um dos meios mais eficazes para atingir a população localizada no interior do estado com um novo modelo de educação.

Palavras-chave: Arquivo Pessoal; Durval Pinto; História da Educação do Paraná.

¹ Este trabalho é resultado da dissertação de mestrado intitulada (O ARQUIVO PESSOAL DE DURVAL PINTO: O Movimento de Renovação da Formação dos Professores do Paraná nas Primeiras Décadas do Século XX), defendida por Simone Garbelini Parro Pialarissi no ano de 2023 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL.

Abstract

The aim of this paper is to analyze Durval Pinto's teaching education through his personal archive, found in the now deactivated Professor David Carneiro Regional Historical Museum at UNESPAR - Apucarana Campus/PR, focusing on the period in which he studied at the Curitiba Teachers' School, between 1942 and 1944, trying to establish relationships with the teaching renewal movement. The question is: How did the teacher who graduated from the Curitiba Teachers' School, under the influence of the Scholastic movement, participate in the process of expanding a method that aimed to change the direction of public education in Paraná? Based on Professor Durval Pinto's personal archive and a review of the literature, we conclude that even though there was a conflict between theory and practice, the teacher was one of the most effective means of reaching the population located in the interior of the state with a new model of education.

Keywords: Personal archive; Durval Pinto; History of Education in Paraná.

Resumen

El objetivo de este trabajo es analizar la formación docente de Durval Pinto a través de su archivo personal, encontrado en el ya desctivado Museo Histórico Regional Profesor David Carneiro de UNESPAR – Campus Apucarana/PR, centrándose en el período en que estudió en la Escuela de Maestros de Curitiba, entre 1942 y 1944, intentando establecer relaciones con el movimiento de renovación pedagógica. La cuestión es ¿Cómo participó el profesor egresado de la Escuela Normal de Curitiba, bajo la influencia del movimiento escolanovista, en el proceso de expansión de un método que pretendía cambiar el rumbo de la enseñanza pública en Paraná? A partir del archivo personal del profesor Durval Pinto y de una revisión bibliográfica, se puede concluir que, aunque existiera un conflicto entre la teoría y la práctica, el profesor fue uno de los medios más eficaces para llegar a la población localizada en el interior del estado com un nuevo modelo de educación.

Palabras clave: Archivo personal; Durval Pinto; Historia de la Educación en Paraná.

Introdução

Nas últimas décadas, é possível observar um aumento significativo por pesquisas em documentos mais usuais, como os arquivos pessoais de professores, que muitas vezes no anonimato acabam produzindo materiais relevantes para a reconstrução da História da Educação, nos levando a compreender a construção do ser professor e as especificidades da escola. São “papéis de qualquer cidadão que apresente interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana, social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade e comportamento” (BELLOTTO, 2006, p. 256). Como é o caso do professor Durval Pinto (1924-1984), que preservou durante toda a sua vida uma variedade de documentos, que passaram despercebidos por trinta e sete anos após a sua morte e que, descoberto, nos oferecem grandes oportunidades de pesquisa.

O arquivo pessoal do professor Durval Pinto foi encontrado no já desativado Museu Histórico Regional Prof. David Carneiro da UNESPAR/Campus Apucarana². Segundo uma publicação da imprensa local “Jornal do Norte” do dia 31 de março de 1985, o arquivo foi doado um mês após a morte do professor através do Ferra Mula, uma Associação Filantrópica à qual era associado. De acordo com a nota do jornal, o arquivo encontrava-se em péssimo estado de conservação, necessitando de um trabalho preliminar de restauração e cadastramento. Para isso, foi designado um funcionário para supervisionar esse trabalho, que após concluído, seria liberado ao público. Porém, com o passar dos anos o Museu foi desativado e como tudo o que pertencia ao Museu, esse material foi armazenado em uma sala da Universidade, em prateleiras e caixas de papelão, até que em 2019 durante uma busca por documentos, foi localizado e iniciado um levantamento.

Em 2021, Xavier e Robert publicaram na Revista Cadernos de História da Educação um trabalho intitulado “Arquivos pessoais de professores: o que guardam e o que nos dizem? em que as autoras trabalham com o arquivo pessoal do professor Rubin Santos Leão de Aquino (1929-2013) e discutem sobre a dificuldade de encontrar arquivos de professores, principalmente os de educação básica. Primeiro pelas condições de trabalho, em que o professor atende várias turmas em diferentes turnos, e que dificilmente conseguem registrar o seu trabalho ou até mesmo refletir sobre ele. Além disso, argumentam que não é comum encontrar arquivos organizados institucionalmente e que são disponibilizados para consulta pública, o comum, é que os arquivos dos professores estejam guardados dentro de suas próprias casas.

No arquivo pessoal de Durval Pinto, encontramos uma variedade de materiais que foi tomado na pesquisa como fonte e também como objeto de análise, porém, o nosso foco principal foram os relacionados à educação e à pesquisa. Entre os documentos localizamos: registro de nascimento (1924), carteira profissional, seguro de vida, diplomas, do Ensino Primário no Grupo Escolar 19 de Dezembro (1936), do Ginásio Parthenon Paranaense (1943), da Escola de Professores de Curitiba (1944), assim como, de Cursos de aperfeiçoamento (1949; 1955; 1956; 1961; 1975), documentos com a nomeação de cargos e elevação de padrão, uma pasta com recortes de jornais variados, incluindo uma nota sobre o falecimento do professor Durval Pinto e o convite para a missa de 7º dia de sua morte, convites de formaturas, tanto da sua própria formatura, quanto para ser paraninfo e orador de seus alunos, fotografias diversas, cartas, 2 diários com rascunhos de cartas que seriam enviadas aos familiares e colegas, em que Durval Pinto relata um pouco da realidade que estava enfrentando nas escolas em que trabalhou, em determinado período, e algumas anotações pessoais, além de materiais diversificados de quando foi escoteiro em Curitiba/PR, e 1 pasta contendo anotações de quando foi Inspetor de Ensino, com controle de notas dos alunos. Do mesmo modo, localizamos outros materiais em maior

² No período em que o acervo foi doado, a instituição ainda não era um Campus da UNESPAR e sim a FECEA (Faculdade de Ciências Econômicas de Apucarana).

quantidade, como podemos observar no quadro 1. Diante de tudo isto, o que nos despertou o interesse foi a qualidade e quantidade de material, que em sua maioria está relacionado à educação, além da preocupação em registrar um material de grande valor histórico que aos poucos está se deteriorando.

Ademais, Cunha e Almeida (2021, p.3) sustentam que os arquivos pessoais são portadores de muitos significados e de múltiplas vozes, e que para além “das iniciativas de organização, salvaguarda e conservação neles investidos, os arquivos pessoais mantêm, para a pesquisa historiográfica, seu valor de fonte, pois abrem múltiplas possibilidades de consulta para a construção de narrativas”. E quanto aos arquivos de professores, as referidas autoras acrescentam que são “como lugares que acumulam camadas de tempo que permaneceram e se modificam, pela pesquisa atual, em velocidades próprias. Em vista disso, é o presente que se constitui em uma espécie de guia e, assim, conduz os gestos de analisar estes guardados” (p. 5).

Quadro 1 - Materiais localizados no acervo pessoal do professor Durval Pinto

Quantidade	Material localizado no acervo
120	Livros didáticos e de literatura.
6	Coleções de enciclopédias (totalizando 43 exemplares).
13	Revistas (Joaquim, Revista de Teatro, Brasiliense, Ensino).
9	Cadernos escolares (Metodologia, Biologia, Física, Apontamentos de Pedagogia, Noções de Higiene Escolar, Sociologia Geral, Trabalhos Manuais, Desenho, Modelagem e Caligrafia, Planos de Aula de 1938 a 1944).
7	Livretos de Leis, Regulamentos de Ensino do Paraná, e de formatura.
17	Edições que totalizam 59 páginas do Jornal a Voz da Escola de 1939 a 1945.

Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR.

Após separarmos todo o arquivo pessoal no museu e fazer um inventário das fontes, nos surpreendeu a quantidade de material que estava relacionado à Escola de Professores de Curitiba, o que nos fez nos questionar sobre: O que foi a Escola de Professores de Curitiba? O que era se formar na Escola de Professores de Curitiba? O que a Escola representou, para que Durval Pinto guardasse por toda a sua vida esses materiais? Um material que sem dúvidas não deve ser ignorado, mas sim problematizado, investigado e disponibilizado para futuras pesquisas. Com base nas ideias de Cunha e Almeida (2021, p. 10):

ninguém se aproxima desses materiais com olhos livres ou ingênuos e, sim, a partir de pontos de vista e problemáticas historicamente delineadas que derivam de um conjunto de questões que envolvem, igualmente, empiria, teorias, encantamentos e sensibilidades e têm como horizonte a perspectiva de uma intervenção no curso do mundo.

Logo, diante das mudanças que vinham ocorrendo na educação pública no Paraná nas primeiras décadas do século XX, da falta de escolas e de professores capacitados para atender o ensino primário, o problema gira em torno de compreender: Qual a participação do professor Durval Pinto, formado na Escola de Professores de Curitiba, no processo de expansão do movimento escolanovista nas escolas localizadas no interior do Paraná?

Frente aos documentos que foram encontrados no arquivo, temos como hipótese que ser aluno da Escola de Professores de Curitiba era um grande prestígio, principalmente para Durval Pinto, um jovem negro, que não pertencia à elite curitibana. Ademais, a instituição foi naquele período um dos meios mais eficazes para capacitar o professor primário paranaense, em um modelo de ensino que propunha romper com o método tradicional e apresentar uma nova proposta de educação pública. Portanto, supõe-se que a formação profissional que Durval Pinto

recebeu na Escola de Professores de Curitiba foi fortemente influenciada pelo movimento escolanovista e que, mesmo ocupando alguns cargos importantes, como diretoria e inspetoria de ensino, ele sofreu ao encarar a realidade das escolas localizadas no interior do estado.

A partir dessa questão, começamos a tecer uma trama sobre o que foi a Escola de Professores de Curitiba como um espaço de formação docente, que funcionou com essa nomenclatura no período de 1938 a 1946, fazendo uma aproximação com o movimento pela Escola Nova. Em seguida, dialogamos com os sujeitos que foram parte constitutiva desse processo: Erasmo Pilotto (1910-1992) como líder do Movimento pela Escola Nova no Paraná e Durval Pinto como aluno da Escola de Professores. E finalizamos apresentando a trajetória profissional de Durval Pinto, que após se formar em um novo método de ensino, devido à demanda por professores capacitados, foi direcionado a atender as escolas rurais do estado do Paraná.

Nesta perspectiva, o presente trabalho foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica pautado em autores como Bellotto (2006), Cunha e Almeida (2021), Oliveira (2018), Xavier e Robert (2021); Faria (2017), Iwaya (2000), Miguel (1992, 1995, 2005, 2008), Pilotto (1946, 1973), Silva (2009, 2014), Tanuri (2000) e Vieira (2001). E todos os autores citados, alinhados aos documentos encontrados no arquivo pessoal de Durval Pinto, foram fundamentais para ampliar a nossa compreensão sobre as mudanças que vinham ocorrendo na educação pública do Paraná nas primeiras décadas do século XX, principalmente na formação dos professores primários.

A Escola de Professores de Curitiba (1938-1946)

A Escola de Professores surgiu em meio a um movimento de remodelação da Escola Normal e dos padrões tradicionais de ensino, no qual o curso de formação de professores primários foi reformulado com uma nova nomenclatura, um novo currículo e a separação do curso em ciclos: um de formação geral e outro profissional, com a duração de dois anos. Este movimento teve início no Distrito Federal a partir da Reforma realizada por Anísio Teixeira (1900-1971) em 1932. Em seguida, foi adotado em São Paulo e gradativamente alcançou outros estados. No Paraná, a Escola Normal da capital Curitiba passou, em 1938, a se chamar Escola de Professores de Curitiba (TANURI, 2000).

Nessa perspectiva, de acordo com o Art. 7º do Decreto Estadual nº 6150 de 20 janeiro de 1938, anexo a cada Ginásio Paranaense deveria ser instalado uma Escola de Professores, “destinada a formação de professores primários, cujo curso será feito em dois anos, distribuído o estudo por secções semestraes”. Do mesmo modo, deveria ter anexo um Grupo Escolar e um Jardim de Infância para a prática de ensino dos normalistas, o qual, deveria ser “o centro em torno do qual devem gyrar todos os demais cursos para a formação profissional dos alunos da Escola de Professores” (PARANÁ, 1938, p. 2)³.

O Grupo Escolar que funcionava anexo à Escola de Professores foi denominado Escola de Aplicação e seguia o mesmo Regulamento dos Grupos Escolares do Estado, exceto que a figura do Diretor era subordinada ao Assistente Técnico da Escola de Professores, que poderia interferir e modificar algo, visando atender as necessidades da prática de ensino (PARANÁ, 1938).

Em vista disso, foi aprovado em 22 de março do mesmo ano o Decreto nº 6597, que regulamentava as Escolas de Professores do Paraná, definindo as finalidades do curso, a divisão em quatro semestres, as novas mudanças relacionadas às disciplinas contidas no currículo, entre outras questões. Miguel (2008) acrescenta que a Escola de Professores de Curitiba funcionou de 1938 a 1946 no prédio inaugurado por Lysímaco Ferreira da Costa a partir da Reforma de 1923 e tratava de um curso inspirado nos ideais da Escola Ativa.

³ Optamos por manter a escrita original.

Conforme o Art. 1º do Regulamento nº 6597, o curso tinha como finalidade: “a) formar professores primários; b) promover investigações e estudos relativos a assuntos de educação; c) auxiliar o trabalho de constante aperfeiçoamento cultural do magistério público do Estado”. Além da figura do diretor, a Escola de Professores contava com o cargo de Assistente Técnico, que de 1938 até 1946, foi ocupado pelo professor Erasmo Pilotto, primo do diretor Osvaldo Pilotto⁴ (1901-1993). Este grau de parentesco vem acatar o que está descrito no Artigo 19 do regulamento, que diz que “o cargo de Assistente Técnico é de imediata confiança do Diretor da Escola” (PARANÁ, 1938).

Vale ressaltar que, para ser matriculado na Escola de Professores, o aluno deveria apresentar os seguintes documentos:

- 1) – Ter o candidato concluído o curso de ginásio oficial ou geral de Escola Normal do Estado ou então o curso das extintas Escolas Normais Primárias do Estado;
- 2) – Capacidade física;
- 3) – Idoneidade moral;
- 4) – Ter idade inferior a 30 anos;
- 5) – Sua identidade;
- 6) – Recibo da 1ª prestação da taxa anual (PARANÁ, 1938, p. 1).

É útil observar que era cobrado por aluno uma taxa anual de matrícula que deveria ser paga em duas prestações, a primeira na matrícula e a segunda até o mês de agosto do mesmo ano. De acordo com o § único do Artigo 45 do regulamento de 1938, “além dessa taxa, os alunos pagarão a importância de \$5000 mensais, como taxa de frequência” (PARANÁ, 1938, p. 1).

Mesmo considerando o fato de que frequentar o Curso Normal na Escola de Professores tinha um certo custo, a procura por uma vaga era grande, tanto que posteriormente, foi levantada uma discussão sobre o exame de admissão para ingressar no curso, abrindo a possibilidade de implantar um sistema mais rígido no processo seletivo, com uma prova de capacidade física, excluindo canhotos e os que apresentassem predisposição à tuberculose, neuropatia e defeitos na fonação, entre outros, e outra prova de cultura, pautada na formação científico-naturalista e humanista que seria aplicada em “4 exames: um de matemática, outro de ciências físicas e naturais e os dois últimos, de história universal e história de literatura” (PILOTTO, 1946, p. 119).

Todo esse processo limitaria o número de matrículas e desafogaria os trabalhos práticos que eram normalmente prejudicados pelo excesso de alunos. Entre as atividades, havia os estágios, os projetos, grupos de discussões, atividades realizadas na biblioteca, nos museus da Escola e até mesmo na casa dos alunos (PILOTTO, 1946).

O ano letivo na Escola de Professores teve início no dia primeiro de fevereiro de 1939 e se encerrou no dia 14 de novembro. Cada aula teórica tinha a duração de 50min, com um intervalo de 10 min entre as aulas, e a cada semestre, os alunos deveriam passar por exames finais. Os alunos eram avaliados por meio de provas teóricas e práticas em cada seção, caso o aluno não atingisse a nota 40, era reprovado; se não, ele poderia fazer a prova de exame final de cada seção, que compreendia exame oral, prático e escrito e a nota final deveria ser igual ou superior a 60. Somente os alunos que obtivessem aprovação em todas as disciplinas seria promovido para o próximo semestre (PARANÁ, 1938).

⁴ Foi um historiador de prestígio, um renomado professor, diretor da Escola Normal, da Escola de Professores de Curitiba (1922-1946) e da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Esteve à frente de várias cadeiras e ocupou diferentes cargos na Universidade Federal do Paraná, “criou o Salão Paranaense, dirigiu a Biblioteca Pública do Paraná, a Academia Paranaense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, entre outras instituições. Publicou diversas obras [...] (CAMARA, 2020, p. 93).

Ademais, para a capital, a Escola de Professores se tornou um “palco de diversos acontecimentos artísticos, [...] uma estratégia que garantiu à instituição e a Erasmo Pilotto grande prestígio frente ao campo artístico e intelectual da Curitiba dos anos de 1940” (SILVA, 2009, p. 150). Da mesma forma, foi aproveitada como um espaço de investigação pedagógica, visando encontrar as respostas para os problemas da educação paranaense, assim como, foi criada para oferecer aos futuros professores uma educação “geral sólida que lhes garantisse o domínio dos conhecimentos e o enfrentamento do quotidiano das escolas” (MIGUEL, 2008, p. 17). Seguia os princípios da Metodologia Científica e da Psicologia Diferencial, valorizava a importância das Ideias Gerais, dos Princípios Ativos e sofria a influência de pensadores como: Gentile, Montessori, Decroly, Pestalozzi e Anísio Teixeira (MIGUEL, 2008). Além de tudo o que foi citado, para Erasmo Pilotto, o curso ainda tinha como finalidade:

ser um centro de cultura pedagógica, compreendendo-se aqui, mais particularmente, a investigação filosófica e a investigação experimental relativa aos problemas ligados ao fenômeno da educação; ser um centro de vulgarização pedagógica, de âmbito de ação que se estenda ao magistério do Estado e vá abranger, também, ainda que mais restritamente, os responsáveis, na família, pela educação (PILOTTO, 1946, p. 117).

Por conseguinte, em 1946, a Escola de Professores se transformou em Instituto de Educação, atendendo a Lei Orgânica do Ensino Normal, em que os cursos de formação do Magistério foram unificados em todo o país. Sem dúvidas, a Escola de Professores de Curitiba teve importância ímpar na formação dos professores normalistas no Paraná e, ao analisarmos a escola como um espaço institucional socioeducativo, notamos também a presença do intelectual Erasmo Pilotto em todas as instâncias. É possível dizer que Erasmo Pilotto, como tantos outros intelectuais integrantes do Movimento pela Escola Nova, foi um líder de movimentos em prol da educação e que ele utilizou a Escola de Professores de Curitiba como o local ideal para remodelar o ensino público paranaense (MIGUEL, 1992).

Entre tantas reformas do Curso Normal, Miguel (1992, p. 112) menciona que a partir do Decreto nº 6597, que regulamentou os Cursos de Formação de Professores, em 1938, Erasmo Pilotto “redimensionou as normas contidas no Regulamento, dando-lhes estofo teórico e aplicação técnica, construindo um plano de formação do Magistério Primário”. Erasmo Pilotto procurou desenvolver o espírito renovador tanto no aluno do ensino primário, respeitando seu desenvolvimento natural e sua criatividade, quanto nos professores que atenderiam essas crianças, desenvolvendo “em cada futuro professor, o experimentador pedagógico” (MIGUEL, 1992, p. 135).

Além disso, sua intenção era formar líderes que atuariam por todo o estado, atendendo à demanda criada pelo aumento da população. É essencial destacar que as escolas rurais foram consideradas como um importante campo de atuação desses professores, pois ao se formarem, eles eram obrigados a cumprir um estágio probatório de dois anos e, consequentemente, acabavam atendendo as escolas rurais. Logo, o professor primário, “preparado profissionalmente na Escola de Professores, tinha para o Estado a função de modificar o meio ambiente, através da transmissão dos conhecimentos para os alunos e da ação educacional sobre o lugar no qual estivesse situada a escola” (MIGUEL, 1992, p. 143).

Segundo Miguel (1992, p. 10), a partir da “promulgação da Lei nº 4024, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as idéias escolanovistas expandiram-se por todo o Estado e completava-se o ciclo compreendendo o seu início, consolidação e expansão por todo o Paraná”. Isso se deu principalmente a partir da instalação dos Cursos Normais Regionais e com a presença nesses cursos dos alunos que foram formados na Escola de Professores de Curitiba para serem líderes e divulgarem por todo o território paranaense esse novo método de ensino.

Além do mais, a instalação de escolas primárias e principalmente dos Cursos Normais Regionais no Paraná foi considerada fundamental para atrair mais compradores de terras, nacionalizar os imigrantes recém-chegados e estabilizá-los em sua nova pátria, algo atrelado à Escola Nova, que se preocupava com a “[...] formação de um tipo de nação e de um novo homem brasileiro” (FARIA, 2017, p. 78).

Em meio a toda a discussão acerca do centro e do interior, da escola e do sujeito, Faria (2017, p. 246) enfatiza os sujeitos como “sujeitos históricos que consomem lugares e estratégias, contudo transcende, produz espaços e táticas, não são meros autômatos”. Neste contexto, podemos inserir Erasmo Pilotto como um líder do movimento escolanovista e Durval Pinto que, como tantos outros professores formados na capital, passou por diversas escolas paranaenses, principalmente em escolas localizadas nas áreas rurais do estado.

Erasmo Pilotto: um líder do movimento pela Escola Nova no Paraná

O movimento pela Escola Nova no Paraná, como já citado, se consolidou dentro da Escola de Professores de Curitiba, por iniciativa de Erasmo Pilotto, que liderava um grupo de estudantes a promover debates sobre o movimento. Porém, ele já havia tido contato com o escolanovismo a partir de várias linhas filosóficas de nível nacional e internacional, mas principalmente com implantação dos vários centros de discussões e boletins sobre o tema. Enquanto estudante criou o Centro de Cultura Filosófica e o Centro de Cultura Pedagógica, “ambos responsáveis pelos estudos de filosofia e educação e pelo contato do intelectual com autores como Tolstoi, Gentile, Montessori, entre outros que auxiliaram o jovem Pilotto, então com 17 anos, a construir suas concepções estéticas e educacionais” (SILVA, 2014, p. 60). A passagem pelos dois Centros foi fundamental, pois reunia jovens que estavam interessados tanto em aprofundar seus estudos, quanto em divulgar os ideais da Escola Nova, assim como o inseriu na elite intelectual curitibana (SILVA, 2014).

E independente do cargo que Erasmo Pilotto ocupou, ele sempre buscou organizar a Escola de Professores de Curitiba e seu envolvimento com as práticas pedagógicas foi intenso. Durante o período em que foi Assistente Técnico, - 1938 à 1947 - “acompanhava as aulas de Prática de Ensino dos alunos, dando-lhes muitas vezes, aulas-modelo” (MIGUEL, 1992, p. 150), papel que competia ao professor auxiliar.

Como Assistente Técnico deveria, ainda, “estimular e cooperar nas atividades extra-escolares (clubes de estudos, grêmios didáticos, centros de cultura pedagógica, bibliotecas, órgãos de publicidade, etc)” (PARANÁ, 1938, p. 1). Entretanto, Erasmo Pilotto foi mais adiante nas suas funções, colocando em prática dentro da Escola de Professores suas ideias relacionadas ao Movimento da Escola Nova, priorizando a cultura e a arte na formação dos professores. Além de ser considerado um entusiasta da educação, é possível observar que, mesmo ocupando o cargo de Assistente Técnico, ele tinha total liberdade para tomar decisões sobre o curso normal. Tal fato possivelmente ocorreu não só devido a seu primo Osvaldo Pilotto ser o diretor da Escola, mas também por estar bem relacionado com outros professores (SILVA, 2009).

Logo, mesmo que o movimento ainda fosse pequeno e que este se contrapusesse a um grupo forte, composto por conservadores católicos, ele foi aos poucos ganhando força e “respaldo pelo quadro nacional e internacional favorável à renovação dos métodos e dos objetivos da escolarização” (VIEIRA, 2001, p. 62). Então, esse novo modelo de ensino conseguiu contestar a forma tradicional e ao mesmo tempo “afirmar a sua concepção educativa baseada na liberdade, na autodeterminação e no poder da intuição e da vontade” (VIEIRA, 2001, p. 68).

Vale notar que Erasmo Pilotto se colocava favorável a uma educação mais consciente e reflexiva, porém, discorre que a educação é resultado de uma determinação histórico-sociológica, que a educação é espontânea, “[...] espontaneidade de tal ordem que faz a educação alguma cousa tão necessária, na vida humana, como a própria vida, alguma cousa que existe e se processa pelo mesmo modo quase que uma função orgânica, - a respiração por exemplo” (PILOTTO, 1973, p.291).

Nas palavras de Miguel (1995), Erasmo Pilotto se preocupava com a educação da criança paranaense, defendia a escola pública, gratuita, obrigatória e de qualidade que atendesse toda a população e, esteve sempre em busca da expansão de um ensino secundário também gratuito e da maneira que todo esse processo deveria acontecer, quando não fosse possível, que fossem ofertadas bolsas de estudos para que os alunos dessem continuidade de forma natural ao ensino primário no secundário. Pilotto visava uma educação que formasse o indivíduo em sua plenitude, abrindo grandes possibilidades de escolha de acordo com a aptidão de cada educando. Para isso, alicerçou-se em diferentes linhas de pensamento, assumindo a possibilidade de utilizá-las em suas propostas educacionais. Entre tantos autores, “mergulhou em Gentile, Decroly, Montessori, analisou Prihoda, a proposta educacional do trabalhismo inglês e aportou no Plano de Reforma Francesa de Langevin-Wallon” (MIGUEL, 1992, p. 158), além de Tolstoi, Rousseau, Pestalozzi, entre outros (MIGUEL, 1992). Conforme analisa Iwaya (2000), Erasmo Pilotto foi um homem do mundo:

um pensador, que optou por ser professor primário. Numa cidade marcada por uma profunda religiosidade, pagou um alto preço por seu pensamento independente, o que no entanto não o impediu de criar seus próprios espaços, de seduzir e encantar com suas ideias, formar discípulos que, também tomados pela paixão pelo conhecimento, perceberam a amplitude da palavra educação, e, assim munidos puderam prosseguir sua obra por várias gerações (IWAYA, 2000, p. 81).

Vieira (2001, p. 57) enfatiza que Erasmo Pilotto produziu “formas de pensar e de atuar na esfera educacional brasileira que permanecem repercutindo intensivamente, seja no plano das práticas de ensino, das teorias educativas, das políticas ou das formas de administração da educação no Brasil”. E toda a influência que ele exerceu sobre os normalistas dentro da Escola de Professores de Curitiba pode ser notada na trajetória educacional do professor Durval Pinto que, ao ser direcionado a atender as escolas interioranas, enfrentou uma realidade bem diferente do que foi proposto durante o curso, porém, manteve o otimismo e o espírito renovador que lhe foi inculcado durante sua formação.

Sendo assim, o envolvimento de Erasmo Pilotto com a Escola de Professores de Curitiba ocorreu desde sua formação até sua atuação como docente e, mais do que isso, foi um educador que buscou em diferentes perspectivas o que melhor se adaptaria à instrução pública de cada localidade. “Conseguiu, sobretudo, pela sua ação, fruto da cultura aliada à consciência da função do professor, influenciar, principalmente, os ensinos Primários e Normal no Paraná” (MIGUEL, 1992, p. 176), pondo em prática uma nova proposta de ensino que mudou a formação dos professores primários paranaenses.

Outro ponto importante para a consolidação e expansão do movimento foi a criação da Associação de Amigos da Escola. Para Erasmo Pilotto, esta experiência pretendia unir a comunidade à escola, ressaltando o papel do professor como líder social. Para que isso ocorresse, foram instituídas “festas escolares, bailes, piquiniques, teatro, reuniões esportivas” (MIGUEL, 1992, p. 169). Assim, quando possível, haveria uma sede com características agradáveis e iniciativas que atraíssem cada vez mais um número maior de participantes e seria utilizada tanto para discutir problemas relacionados à comunidade, quanto para entretenimento. Nesta perspectiva, a Associação auxiliaria a comunidade, atenderia as necessidades da escola e apoiaria o trabalho do professor (MIGUEL, 1992).

Sob esta ótica, a moderna pedagogia procurava desenvolver a educação integral do aluno, valorizando tanto os aspectos físicos e culturais, quanto a formação política e social do educando, uma educação que “iria superar a fragmentação da educação causada pela modernização da sociedade e as exigências de uma educação voltada apenas para o desenvolvimento e para o trabalho” (SILVA, 2014, p. 248).

Além do mais, tinha como meta principal educar a população de acordo com um ideal de sociedade, em um movimento de modernização do país. Assim, a formação dos futuros professores dentro da Escola de Professores estava fundamentada nos “avanços da Biologia, Psicologia e Sociologia” e visava, a partir da cultura geral, trabalhar “hábitos, atitudes e valores do modo urbano de vida social, que seriam transmitidos aos alunos” (MIGUEL, 1992, p. 141-142).

Portanto, todo o trabalho que Erasmo Pilotto desenvolveu no período em que esteve à frente da Escola de Professores de Curitiba preparou os futuros professores para levar a qualquer cidade do Estado uma educação pautada na “relatividade da consciência humana, e no valor das virtudes da tolerância, no princípio da neutralidade da escola” (PILOTTO, 1973, p. 499).

Durval Pinto como aluno da Escola de Professores de Curitiba (1942-1944)

Como já citado, ao fazer o inventário do arquivo pessoal do professor Durval Pinto, observamos que grande parte dos documentos que ele guardava tinha alguma relação com o período em que estudou na Escola de Professores de Curitiba, entre 1942 e 1944. Entre tantos materiais encontrados em seu acervo, como fotografias, diários, documentos pessoais e oficiais, livros, entre outros, algo que nos chamou a atenção foram os cadernos escolares utilizados por Durval Pinto enquanto frequentou a Escola de Professores de Curitiba, que trazem em si uma escrita carregada de memória e de vivências no espaço escolar.

Aliás, a utilização dos cadernos escolares foi fortemente defendida pelo movimento da Escola Nova, pois era um modo de padronizar os conteúdos visando até mesmo facilitar o controle do diretor sobre o que era realizado dentro da sala de aula. Além disso, os cadernos escolares também eram um “espaço de registro daquilo que é ensinado e da interação entre professores e alunos” (SANTOS; SOUZA, 2005, p. 295). Contudo, neste momento não vamos abrir uma discussão sobre esses cadernos, que fazem parte da cultura escolar e são prova incontestável do ensino daquela época, mas sim, conhecer um pouco sobre quem foi Durval Pinto e como foi a sua trajetória até se formar na Escola de Professores de Curitiba.

De acordo com documentos encontrados no arquivo pessoal do professor Durval Pinto, como Certidão de Nascimento, Carteira profissional, Diplomas escolares, e anotações registradas em seus cadernos, ele nasceu às 3h24min do dia 28 de maio de 1924, no Capão do Amora, na cidade de Curitiba, capital do Paraná. Um dos filhos de Francisca de Oliveira Pinto e Arthur Pinto, viveu toda a sua infância e juventude com seu irmão Janes – dois anos mais novo – na capital do estado. Iniciou sua trajetória como estudante no Grupo Escolar Dezenove de Dezembro e concluiu a quarta série do ensino primário com 12 anos de idade.

Na figura 1, podemos observar Durval Pinto ao lado de seus colegas e professoras na escadaria do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro, em 1936. Vale notar, que entre os quarenta alunos, Durval Pinto era o único negro⁵ da turma.

⁵ Nos documentos pessoais de identificação de Durval Pinto, como carteira profissional, encontramos diferentes definições da cor de sua pele, entre elas pardo e moreno. Deste modo, não temos certeza qual a correta, mas diante de suas fotografias e das anotações do próprio Durval Pinto em seus diários, ele se autodeclarava negro.

Fotografia 1 - Alunos do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro (1936)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto – Museu UNESPAR-Apucarana/PR

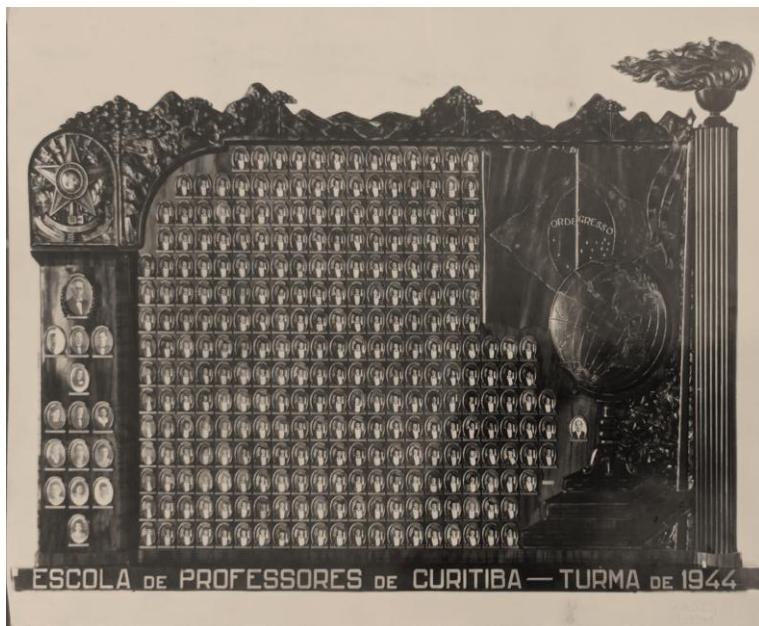
Dando continuidade aos estudos, Durval Pinto foi estudar no Ginásio Parthenon Paranaense e recebeu o diploma do Curso Fundamental (Ginasial) em 1942, no mesmo ano em que ingressou na Escola de Professores de Curitiba.

Enquanto aluno na Escola de Professores de Curitiba, foi um aluno ativo e participativo. Fez muitos amigos e manteve essas amizades por anos, como podemos observar em seus diários, fotografias e cartas. Aliás, a troca de cartas era muito comum neste período; no acervo de Durval Pinto, podemos encontrá-las em grande quantidade, algumas recebidas e muitos rascunhos das enviadas. No último ano em que Durval Pinto estudou na Escola de Professores de Curitiba ele foi diretor do Jornal *A Voz da Escola*, que pertencia ao órgão interno do Centro de Cultura Dona Júlia Wanderley. Um jornal fundado por Erasmo Pilotto, que era mantido e produzido por alunos e ex-alunos, e circulava dentro da Escola de Professores, logo, trazia em suas páginas a necessidade de mudanças no ensino paranaense e críticas ao modelo tradicional.

De acordo com o diploma, fotografias, convite, oração da oradora de turma Vera Vargas e da oração do paraninfo Osvaldo Pilotto, a formatura de Durval Pinto teve início no dia 16 de novembro de 1944, com a missa de ação de graças, celebrada na Catedral Metropolitana, pelo Rev. D. Ático Euzébio da Rocha. Às 20h do mesmo dia, ocorreu a cerimônia de Colação de grau na sociedade Thalia e lá também ocorreu o grande baile no dia 18 de novembro, às 22h, sendo exigido no convite traje a rigor. Vale ressaltar que dos 286 formandos apenas 8 eram homens, incluindo um aluno que havia falecido durante o curso.

Logo, diante do prestígio que era se formar na Escola de Professores de Curitiba, da quantidade de formandos como podemos notar na Figura 2, e considerando os convidados que participaram do evento, sem dúvidas a cerimônia foi grandiosa. Esse evento tinha como um de seus propósitos chamar a atenção da sociedade curitibana e ressaltar o valor do professor normalista diante da população. Segundo Iwaya (2000, p. 92), na “década de 1940 as formaturas eram noticiadas em jornais da cidade, e os bailes aconteciam em clubes freqüentados pela elite curitibana, como Thalia, Concórdia ou Curitibano”.

Figura 2 - Fotografia dos formandos da Escola de Professores de Curitiba (1944)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Fotografia 3 - Erasmo Pilotto felicitando Durval Pinto em sua formatura (1944)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Encerradas as solenidades, o jovem Durval Pinto, consciente ou não do seu papel como educador, pegou o seu diploma e cumprimentou as autoridades presentes na solenidade, representadas na Figura 3 pelo professor Erasmo Pilotto e pelo Interventor Manoel Ribas. A partir daquele dia, deu início à sua trajetória educacional como professor, suprindo a demanda do Estado. Por conseguinte, acabou trabalhando em diversas cidades do interior paranaense, até se fixar em Apucarana/PR, encarando de perto uma realidade que ia além das orientações que recebeu em sua formação na Escola de Professores de Curitiba.

Durval Pinto: a trajetória profissional de um professor que precisou se interiorizar

Por meio das fontes documentais disponíveis no arquivo pessoal do professor Durval Pinto (Diários pessoais, cadernos de anotações, documentos pessoais e profissionais), nos empenhamos em analisar a sua trajetória profissional, levando em consideração Durval Pinto como um professor que foi formado na mais bem conceituada Escola de Professores do Paraná, com um método de ensino renovador, e que foi obrigado a se interiorizar. Isso nos levou a refletir sobre: Qual a realidade que Durval Pinto encontrou após pegar o seu diploma de normalista? É importante mencionar que nossa análise passa pela marca da sensibilidade ligada à experiência, pois “aquilo que ouvimos, vemos, tocamos, cheiramos ou saboreamos é tanto aprendido historicamente, quanto define pela via do nosso aparato sensitivo o que seremos, seguimos por registros – escritos, imagéticos, sonoros” (OLIVEIRA, 2018, p. 125), sendo assim, explorar este arquivo em muitos sentidos foi também uma experiência histórica.

Vale ressaltar que, mesmo antes de Durval Pinto concluir sua formação na Escola de Professores em 1944, ele já foi nomeado pelo Interventor Federal do Estado do Paraná, Manuel Ribas, para reger uma das classes de uma escola regimental do 5º R.C.D. no Boqueirão, bairro de Curitiba. Logo após ser diplomado, mais especificamente no dia 16 de fevereiro de 1945, foi contratado em caráter experimental pelo período de 6 meses – até ser efetivado em 21 de agosto – para lecionar na Escola de Aprendizagem do SENAI de Curitiba/PR. No dia 26 de janeiro de 1946, Durval Pinto recebeu um comunicado relatando que devido às necessidades locais, ele seria transferido para Joinville/SC, ficando lá até enviar seu pedido de demissão, que foi atendido pelo SENAI em junho de 1947.

Em cartas enviadas à amigos, Durval Pinto expressou um certo entusiasmo, mas que aos poucos foi diminuindo, como podemos notar em uma carta rascunhada no dia 2 de junho de 1946. Durval Pinto a inicia dizendo que a “coisa ia mal”, reclamou da falta de professores no SENAI, relatou que foi encaminhado para dar aulas de Trabalhos Manuais e Educação Física, mas que ao chegar lá, “era pau para toda obra”, argumentou sobre a falta de recursos, dos alunos e principalmente de uma turma em específico, que anteriormente foi de Cid, que também estudou da Escola de Professores, e deixou o cargo para assumir uma turma na capital Curitiba. Ao relatar sobre seus alunos, menciona que usava fichas de controle individual guardadas em um arquivo pessoal (AGENDA DE DURVAL PINTO, 1946, p. 85).

Criar classes homogêneas e ter um controle dos alunos em forma de fichas individuais foram estratégias utilizadas por Durval Pinto baseadas na proposta de ensino que recebeu em sua formação. Nessas fichas, ficariam registrados os pontos altos e os pontos baixos dos alunos, visando facilitar o trabalho do professor e o desenvolvimento das aulas. Ali também estariam contidas informações individuais de cada aluno, questões relacionadas ao nível de inteligência, cultura, dedicação ou prestígio diante da classe (PILOTTO, 1946).

Quanto ao discurso de que na Escola de Professores de Curitiba, independente da educação que os alunos recebiam (Psicologia Diferencial), todos foram capacitados com uma “educação geral sólida que lhes garantisse o domínio dos conhecimentos e o enfrentamento do quotidiano da escola” (MIGUEL, 2008, p. 17). Durval Pinto descreve em poucas palavras o que sentiu ao encarar a realidade das escolas, pois, ao chegar nesses locais, o professor encontrou uma relação contrária entre teoria e prática e toda a proposta apresentada na Escola de Professores precisou ser adaptada, valorizando mais a prática do que a teoria. Nas palavras de Durval Pinto: “Houve em minha personalidade uma transformação lenta, sutil, inexplicável. Ao emergir dos sonhos, descortinou-se, diante de mim, a vida prática” (AGENDA DE DURVAL PINTO, 1946, p. 118).

Em maio de 1947, em duas cartas endereçadas aos seus pais, Durval Pinto cita uma conversa que teve com Erasmo Pilotto sobre a possibilidade de dar aulas no Paraná, e que aguardava uma resposta. Tal resposta chegou subitamente, ao ser convidado a assumir, a partir de setembro de 1947, o cargo de diretor no Grupo Escolar Ubaldino do Amaral em Santo Antônio da Platina, norte do Paraná, uma notícia que resgatou seu entusiasmo.

De acordo com o documento expedido pela Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Platina, no dia 16 de junho de 1948, Durval Pinto assumiu também a Inspetoria Municipal de Ensino. Em outubro do mesmo ano, o secretário de educação e cultura o nomeou para exercer o cargo de Inspetor de Ensino também em Cinzas e Abatiá, acumulando os cargos de diretor e inspetor.

Tal acúmulo de cargos era algo comum e a nomeação veio da necessidade do estado de fiscalizar as escolas que estavam sendo instaladas em diferentes localidades. Para isso, foi desenvolvida uma estrutura complexa na inspeção do ensino paranaense:

que era composta pelo secretário do interior, o inspetor geral, os delegados de ensino e os inspetores escolares. O inspetor geral era o responsável por toda a fiscalização do ensino no estado. Além de visitar escolas, ele formulava um relatório que aglutinava os relatórios enviados pelos delegados e inspetores escolares, e nesse relatório apresentava ideias para modificar e melhorar o sistema de ensino. Essas ideias foram relevantes e, em sua maioria, foram implementadas pelo presidente/governador do estado (SANTI; SCHELBAUER; CASTANHA, 2022, p.3).

Portanto, Durval Pinto, formado na capital, nos preceitos da Escola Nova, tinha tanto como professor quanto como inspetor a “função de modificar o meio ambiente, através da transmissão dos conhecimentos para os alunos e da ação educacional sobre o lugar no qual estivesse situada a escola” (MIGUEL, 1992, p. 143).

É essencial destacar que estava nos planos do governador do Paraná, Moyses Lupion, dar mais atenção às escolas da área rural, pois considerava este um dos pontos mais críticos da educação no estado. Então, o governo entrou em acordo com os municípios e assumiu a responsabilidade em dar “um auxílio financeiro para abertura de novas escolas, e se compromete a prestar às unidades que são desse modo abertas, toda a assistência, matéria e técnica necessárias” (PARANÁ, 1950, p. 144). Porém, não era o suficiente apenas abrir escolas, era preciso “[...] melhorar o rendimento do mestre atual, esse professor que, sem dúvida com a maior boa vontade, vem dando o que lhe é possível, em favor da criança de nossa terra, na zona rural” (PARANÁ, 1950, p. 145). Sendo assim, resolveu primeiramente investir nos professores que já trabalhavam nas escolas primárias, convocando os inspetores escolares de cada Delegacia de Ensino para receberem capacitação e, em seguida, voltarem para seus municípios e organizarem cursos rápidos de 10 dias, direcionados aos professores rurais (PARANÁ, 1950).

Entre os inspetores convocados estava Durval Pinto, que recebeu no dia 25 de fevereiro de 1949 a carta do Secretário da Educação Erasmo Pilotto para assumir a liderança no Curso de Orientadores do Ensino Rural, promovido pelo Instituto de Educação de Curitiba, que visava atender dez escolas primárias isoladas rurais que serviriam como padrão para o Estado. No documento, consta que Durval Pinto deveria pedir a inscrição ao referido curso e dirigir-se ao Instituto de Educação. Entre os trinta dias de curso, dez dias foram em Palmeiras, dez em Cerro Azul e dez em Guarapuava (PARANÁ, 1949).

Logo que terminou o curso, devido ao título de experiência que tinha, Durval Pinto foi convidado por meio de um documento expedido pelo Secretário de Educação e Cultura a deixar definitivamente o cargo de diretor e de Inspetor de Ensino e atender o Curso Normal Regional de Apucarana, que acabava de ser instalado. O professor Durval Pinto mudou-se para um Hotel

e relatou por meio de uma carta enviada à colega Mathilde que estava em um novo campo de luta, com alunos das mais variadas camadas sociais, alguns simples e tímidos, outros espertos e ousados. Argumentou que em seus planos educacionais, tinha o intuito de reunir os alunos, estudar suas reações e organizar planos, “vastos planos”, para formar uma consciência social em torno da qual deveriam girar todos os interesses dos alunos. Assim, registrou que precisava dissolver os marcos de turmas, visando criar um único pensamento, e para isso, citou que a primeira atitude a ser feita seria organizar os grupos homogêneos em idade, afinidade psicológica e interesse, método que utilizou anteriormente em outras escolas.

No mesmo ano, para preencher as horas, Durval Pinto assumiu o cargo de Inspetor de Ensino em Apucarana. Em uma carta, destinada ao Secretário de Educação e Cultura Erasmo Pilotto, Durval Pinto discorre sobre o trabalho que estava desenvolvendo nas escolas rurais isoladas, localizadas em Apucarana e região. Descreveu que visitou todas as escolas municipais e estaduais, o que “foi um labutar sem fim, em ônibus, caminhões, automóveis, no lombo de animais, a pé, enfim de todos os modos”. Destacou os trabalhos que foram desenvolvidos na Escola Municipal de Pirapó, que funcionava no patrimônio Pirapó, a 8 quilômetros de Apucarana, as conversas com os professores que apontaram as falhas e a resolução de alguns problemas que a escola enfrentava, como colocar vidraça, pintar a sala de aula, instalar um parquinho, comprar filtro de água e até vasos de flores, porém, ressalta que a falta de tempo, a distância da escola da cidade e a dificuldade em adquirir material de construção atrasou um pouco o seu trabalho (CADERNO DE RASCUNHOS DE DURVAL PINTO, 1949).

Como o caso dessa escola, Durval Pinto citou outras, em que chegou com suas ferramentas de marceneiro e modificou os ambientes. Contudo, finaliza a carta afirmando que: “Isso tudo é nada diante do compromisso que assumi perante o mestre Erasmo no Curso de Orientadores do Ensino Rural” (CADERNO DE RASCUNHOS DE DURVAL PINTO, 1949).

Durval Pinto era um homem negro, solteiro que após se instalar em Apucarana, viveu até a sua morte sozinho em um hotel central, motivo pelo qual seus pertences foram doados ao museu. Seguiu em sua carreira docente atendendo às necessidades educacionais de Apucarana e região. E de acordo com a Resolução N° 7.854, o professor se aposentou em 1981 por invalidez e faleceu em 27 de outubro de 1984, após ficar 4 meses internado com várias complicações renais e uma perna fraturada. Assim como um pedido de ajuda para doação de sangue, sua morte e a missa de 7º dia foram divulgados na imprensa local, cujos recortes fazem parte do acervo pessoal de Durval Pinto e seu corpo foi sepultado em um cemitério de Apucarana, deixando para trás os poucos anos que viveu com a família e amigos na capital Curitiba.

Considerações finais

Ao encontrar o primeiro documento do arquivo pessoal do professor Durval Pinto, nem imaginávamos a quantidade ou a qualidade do material contido nele, ou se esse material era relevante para a pesquisa historiográfica. Este primeiro contato nos deu indício dos vestígios deixados por esse professor, nos despertando a curiosidade sobre quem foi Durval Pinto e porque esse acervo estava no museu da UNESPAR - Campus Apucarana.

Essa trajetória foi entendida por meio de papéis que o próprio produtor selecionou e guardou por toda a sua vida, materiais cheios de sentimentos. Podemos dizer que nas últimas décadas vem ocorrendo um aumento significativo de trabalhos que colocam os sentidos e as sensibilidades como debate no campo da História da Educação, que levam em consideração o modo como as pessoas agiam, reagiam, pensavam e sentiam, não só dentro do espaço escolar, mas também em outros espaços de educação social. Pois, se “os sentidos são a janela da alma de indivíduos singulares, permitindo a decodificação do mundo físico e cultural, tanto aqueles quanto estes são eminentemente históricos” (Oliveira, 2018, p. 124). Logo, não poderíamos

deixar de expressar o valor deste tipo de material não só para a pesquisa, mas também para quem o produziu, imaginando o que pode estar guardado em tantas outras caixas, baús e gavetas nas casas de professores ou até mesmo sob a guarda de alguma instituição. Coadunamos com o autor que rechaça qualquer tipo de subjetivismo nos estudos dos sentidos das e das sensibilidades, o que queremos reforçar aqui é a importância da figura desse professor no interior do Paraná e sua sensibilidade ao guardar seus escritos e suas práticas

Voltando ao nosso objetivo, iniciamos a pesquisa fazendo um levantamento do arquivo e, percebendo que tais documentos levariam a um amplo campo de pesquisa, tornando necessário um estudo mais intenso e com uma demanda maior de tempo, focamos nossos estudos no período em que Durval Pinto estudou na Escola de Professores de Curitiba (1942-1944). Esta decisão foi tomada diante da quantidade de material relacionado à formação de Durval Pinto que estava guardado em seu arquivo.

A partir deste momento, começamos a tecer uma teia de relações sobre o que foi a Escola de Professores de Curitiba como um espaço de formação docente, fazendo uma aproximação com o movimento escolanovista e os sujeitos que fizeram parte do processo de consolidação e disseminação desse modelo de educação.

Notamos que ao encarar a realidade das escolas públicas no interior do estado, Durval Pinto foi sempre um otimista – mesmo afirmando que a prática não condizia com as orientações que recebeu enquanto estudante. Apesar da falta de recurso, buscou transformar os ambientes das escolas em que trabalhou, tornando-os mais agradável, trabalhou com classes homogêneas, com o controle de fichas, buscava na psicologia educacional a solução para moldar os alunos indisciplinados e levou aos professores princípios que renovaram as atividades escolares.

Enfim, ao elaborar este trabalho, buscamos, por meio do arquivo pessoal de Durval Pinto, não só analisar a trajetória de vida de um professor que guardou por toda a sua vida materiais relacionados a educação, mas também compreender como essa trajetória foi construída a partir das mudanças que vinham ocorrendo naquele período. Durval Pinto não foi um intelectual ou um indivíduo reconhecido por algum grande feito, mas sabemos que, como tantos outros professores, participou ativamente no processo de alfabetização, nacionalização e expansão de um novo modelo de ensino nas mais longínquas escolas instaladas no Paraná. Mais do que isso, que suportou a distância da capital, dos amigos e da família para construir sua própria trajetória de vida.

Analizando a história da educação, encontramos importantes personagens que são constantemente lembrados, porém, é preciso reconhecer que esses grandes homens não se fizeram sozinhos, que os projetos não se concretizaram sem a cooperação de outros sujeitos e a implementação de novas propostas de ensino não foi disseminada apenas por um grande personagem da história, mas sim pelo trabalho árduo de vários indivíduos. Por isso, vislumbramos dar visibilidade a um até então desconhecido, que permitiu termos mais subsídios para compreender o espaço e o tempo escolar em que atuou, representando o educador otimista que foi preparado na Escola de Professores de Curitiba para disseminar pelo estado um novo modelo de educação.

Referências

BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, 02 de janeiro de 1946. *Institui a Lei Orgânica do Ensino Normal. Diário Oficial da União*: Rio de Janeiro, RJ. Disponível em:
<http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinonormal.htm>. Acesso em 15 abr. 2022.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CAMARA, Alexsandra. Osvaldo Pilotto das Arábias e a Geometria para ensinar na Escola Normal de Curitiba (década de 1920). *Rematec: Revista de Matemática, Ensino e Cultura*, Ano 15, n.34, p.92-104, 2020. DOI: <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2020.n34.p92-104.id264>

CUNHA, Maria Teresa Santos; ALMEIDA, Doris Bittencourt. Arquivos Pessoais no radar do Tempo Presente. Dimensões e possibilidades nos estudos acadêmicos. *Cadernos de História da Educação*, v. 20, p. 1-20. 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v20-2021-49>

FARIA, Thais Bento. *Paraná, Território de “Vocação Agrícola”?! Interiorização do Curso Normal Regional (1946-1968)*. 2027. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

IWAYA, Marilda. *Palácio da Instrução*: representações sobre o instituto de educação do Paraná professor Erasmo Pilotto (1940-1960). 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. *A pedagogia da Escola Nova na Formação do professor primário paranaense*: início, consolidação e expansão do movimento. 1992. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. O significado do trabalho de Erasmo Pilotto no cenário educacional paranaense. *Educar em Revista*, v.10, n.10, p.81-89, dez. 1995. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.130>

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. A escola Normal no Paraná: instituição formadora de professores e educadora do povo. In: ARAÚJO, José Carlos Souza et al (Orgs). *As escolas normais no Brasil: do Império à República*. Campinas: Editora Alínea, 2008, p. 145-162.

PARANÁ. Decreto n. 6165. *Diário Oficial*, Curitiba, 30 de janeiro de 1938.

PARANÁ. Decreto n. 6597. *Diário Oficial*, Curitiba, 22 de março de 1938.

PARANÁ. *Mensagem apresentada a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná pelo senhor Moyses Lupion*, 1950.

PARANÁ. Relatório enviado ao presidente da República Getúlio Vargas pelo Interventor federal do Estado do Paraná Manoel Ribas, dezembro de 1942. Disponível em: https://www.administracao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2022-03/relatorio_1940-1941_interventor_manoel_ribas_0.pdf.

PILOTTO, Erasmo. *Prática de Escola Serena*. 1ª ed. Curitiba: Tipografia João Haupt & Cia. Ltda, 1946.

PILOTTO, Erasmo. *OBRAS I*. Curitiba: Imprimax, 1973.

SANTI, Denize Naiara; SCHELBAUER, Anelete Regina.; CASTANHA, André Paulo. O sistema de Inspeção do Ensino na Primeira Metade do Século XX no Paraná. *Educação em Revista*, v.38, 2022, DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469835918>

SANTOS, Anabela Almeida Costa; SOUZA, Marilene Proença Rebello. Cadernos Escolares: como e o que se registra no contexto escolar? *Psicologia Escolar e Educacional*, 2005, v.8, n.2, p. 291-302. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000200011>

SILVA, Rossano. *A arte como princípio educativo*: um estudo sobre o pensamento educacional de Erasmo Pilotto. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SILVA, Rossano. *Educação, Arte e Política*: a trajetória intelectual de Erasmo Pilotto. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Educação dos sentidos e das sensibilidades: entre a moda acadêmica e a possibilidade de renovação no âmbito das pesquisas em História da Educação. *Revista História da Educação*. Porto Alegre, v. 22, n. 55, maio/ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/76625>

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*. Universidade Estadual de São Paulo, n. 14, p. 61-193, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>. Acesso em: 16 ago. 2022.

VIEIRA, Carlos Eduardo. O movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e idéias educativas de Erasmo Pilotto. *Educar*, Curitiba, n. 18, p. 53-73. 2001. Editora UFPR. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.234>

XAVIER, Libânea Nacif; ROBERT, Mychelle Nelly Maia. Arquivos pessoais de professores: o que guardam e o que nos dizem? *Cadernos de História da Educação*, v. 20, p. 1-16, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v20-2021-45>